

"Voilà un monde qui ne peut être rempli que de toutes sortes de biens et choses très excellentes: il ne faut que les découvrir."

La Popelinière, *Les Trois Mondes*, 1582

São inúmeras as questões que se levantam quando reflectimos sobre as diferenças existentes entre os países situados a Norte e a Sul do continente americano. Entre elas, se quisermos discorrer sobre os motivos para a diferença de evolução, por exemplo, entre o Brasil e os Estados Unidos, verificamos que, tal como para qualquer outro problema histórico ou cultural, estes são múltiplos, complexos e requerem estudos aprofundados realizados de uma perspectiva interdisciplinar e não são sequer susceptíveis de serem abordados num breve ensaio. Pretendo, por isso, fazer apenas referências a um "estudo de caso" que foca alguns aspectos dessa questão enquanto relacionados com as perspectivas protestantes e católicas da colonização do Brasil, recorrendo a obras escritas no século XVI por praticantes de uma religião e de outra, como Jean De Léry e André De Thevet.

Esta questão tem interessado os estudiosos da América desde o século XVI até aos nossos dias. Assim sucedeu com o historiador protestante La Popelinière, autor da obra *Les Trois Mondes* publicada em 1582; com Marcel Bataillon que se refere ao *corpus* huguenote sobre a América; com Claude Lévi-Strauss que aprecia a obra de Léry pela informação que contém sobre etnologia; com Emmanuel Le Roy Ladurie que nos fala da colónia de Refuge e do Saint-Barthelémy na América referindo os massacres na Florida em 1565 até Frank Lestringant, autor

do rigoroso estudo intitulado *Le Huguenot et le Sauvage-L'Amérique et la Controverse Coloniale, en France, au Temps des Guerres de Religion (1555-1589)*, publicado em 1990.

Apesar destes estudos e do renome dos seus autores, as influências das perspectivas religiosas na colonização do continente e as consequências das guerras da religião europeias na América continuam, por vezes, a ser esquecidas. Elas foram, contudo, responsáveis por vários acontecimentos relacionados com muitas das situações que actualmente ainda se vivem no continente.

É conhecida a visão edénica da América que povoava o imaginário dos primeiros colonos e era apoiada em textos bíblicos assim como as expectativas arcádicas, as esperanças de uma nova era dourada como a de Ovídio. Essa perspectiva está patente numa atitude que já foi classificada como ternura evangélica para com os nativos que se encontra em muito do *corpus* católico, sobretudo no português. Este aspecto, juntamente com a existência entre os colonos portugueses de uma inclinação para a abertura à mistura de raças e a política das "Reduções" seguida pelos seus missionários jesuítas, leva alguns a classificar a exploração colonialista portuguesa na América como uma colonização "doce".

Compreende-se melhor esta designação quando se põem em contraste as atitudes dos Portugueses no Novo Mundo com as dos Espanhóis ou com as dos Protestantes. Neste contexto, é referida a oposição entre uma atitude considerada como sendo de "evangelização" por parte dos Católicos e um comportamento designado como "Cristianização" que caracteriza a maneira de actuar dos Protestantes.

Para muitos colonos protestantes, a América – como já disse noutra local – era povoada pelos descendentes de Cham, os Cananeus, que teriam navegado através do Atlântico. O historiador Francisco Lopez de Gomara, autor da *Historia General de las Indias Occidentales*, julga os Índios severamente e lança um olhar sardónico aos métodos dos conquistadores. Lopez

Gomara fala explicitamente da ascendência chamítica dos Brasileiros. Jean De Léry refere-se-lhes como "peuple maudit et delaisé de Dieu" que era afligido pelas perseguições dos espíritos malignos por não ter a ajuda que dá a fé em Cristo.

Era popular, entre os Protestantes, a lenda do povo maldito abandonado de Deus. Esta ideia religiosa vinha reforçar uma certa tendência segregacionista patente, por exemplo, nas atitudes de Nicolas Durand Villegagnon, o Cavaleiro da Ordem de Malta que chefiou a expedição da França de 1555 e que o levava a condenar à morte os soldados que tivessem tido relações ("paillard" segundo a sua designação) com as belas indígenas que passavam nuas nas suas pirogas oferecendo-se aos Franceses. É inevitável, a este propósito, pensarmos na famosa *Carta de Achamento* de Pero Vaz de Caminha e nos textos do P.<sup>o</sup> Anchieta que relatam a reacção dos Católicos face à beleza e à falta de inibição das nativas do Novo Mundo.

Por outro lado, são os Huguenotes que, em nome da liberdade cristã, denunciam a tirania dos Espanhóis. Eles pretendiam seguir um modelo que fosse o oposto do espanhol e escolheram o português para servir de exemplo para os seus projectos de implantação. Segundo os relatos dos Protestantes franceses, os Portugueses não escravizavam os nativos, segundo eles "les laissant en leur liberté première", apenas os controlavam construindo fortins em locais estratégicos da costa. Não ocupavam militarmente o território, tornavam-no acessível, dominando sem possuir e podendo, por isso, coexistir – pelo menos provisoriamente – com "o Outro". Enquanto os Espanhóis se comportavam como senhores absolutos, segundo La Popelinière no seu tratado *Les Trois Mondes* (1582, III, f. 23), os Portugueses conquistaram os Índios pela doçura e através de conversas e diálogos. Não pretendiam escravizar os povos indígenas mas queriam sobretudo fazer valer os seus direitos de comércio, actuando, assim, do mesmo modo que nas outras colónias que tinham no resto do mundo. Para compensar a sua

inferioridade numérica e o facto de terem pouco poder militar, os nossos compatriotas dedicavam-se ao comércio e faziam negócios e trocas. La Popenière elogia a tática e a estratégia portuguesas de colonização que levava os Portugueses a conseguirem obter a cumplicidade activa dos Índios que lhes forneciam mão de obra, contribuindo deste modo para a prosperidade do seu tráfego comercial.

Ao longo do século XVII, seguindo na linha iniciada pelos Protestantes no século anterior, tanto os relatos ingleses relativos à expansão na América do Norte, publicados nas colecções de viagens de Richard Hakluyt, como os conhecidos textos da obra *Brevissima Relacion* de Frei Bartolomeu Las Casas, criticam e denunciam as matanças perpetradas pelos Espanhóis nos pântanos da Florida, contribuindo para a chamada *Black Legend*. Para esta "lenda negra", que se desenvolveu na época de Carlos V e de Filipe II de Espanha, contribuíram ainda textos que criticavam o povo, a história e o carácter nacional da Espanha em parte devido à crueldade revelada por *Los Conquistadores* na América e também devido ao orgulho e hipocrisia que caracterizavam as suas atitudes no Novo Mundo. É de justiça mencionar que, nos nossos dias, historiadores espanhóis apologistas dos valores do seu país, tal como Julian Juderias, em 1914, e Romulo Carbia, com a *Historia de la Leyenda Negra Hispano-Americana*, publicada em 1943, após revisão dos materiais históricos, têm procurado criar uma *Leyenda Blanca* ou *Aurea* que vem em defesa das realizações políticas, científicas e culturais espanholas e afirmam que a Espanha apenas foi intolerante quando o resto da Europa tinha o mesmo tipo de atitude.

A referida "Black Legend" veio desenvolver um sentimento anti-espanhol que era muito evidente entre 1558 e 1660. A atitude de antagonismo contra os Espanhóis servia mesmo como instrumento de guerra e contribuía para o desenvolvimento da lenda e para o aumento de poder do imperialismo holandês, francês e inglês.



**Jacques Le Moyne de Morgues, *Floridam provinciam inhabitantium eicones*, 1591.**

Os Índios são representados como mártires e oprimidos, sendo vistos em França como os arautos privilegiados da resistência à opressão. Isto sucedia apesar de ter sido nesse país que surgiu a *Querelle des Justes Titres*, uma polémica que levantava questões tão fundamentais como a da própria humanidade dos Índios e o seu direito a dispor livremente de si próprios e dos seus bens. Esta controvérsia foi tão longe que, em 1537, o Papa Paulo III teve de intervir com a Bula *Sublimus Deus* em que afirmava que os Índios eram "verdadeiros homens" e não "animais estúpidos criados para nos servirem". Contribuiu ainda para difundir em toda a Europa uma visão pessimista da História em que a imagem idílica do Nativo Americano tem por contrapartida a sua destruição pelo Demónio e pelos Espanhóis. O *corpus* huguenote sobre a América, contendo textos sobre o Brasil e sobre a polémica suscitada pela catástrofe francesa na Florida, denuncia a destruição do Novo Mundo pelos Espanhóis e sugere, como contraponto, uma representação laudatória e apologética dos Nativos como "Homens da Natureza".

A imagem do Bom Selvagem americano é construída a partir de uma síntese feita com base num material heterogéneo em que se fundem os naturais da Florida com elementos tipicamente brasileiros e até Azetecas. Dá-se o que já foi designado como uma "tupinização" dos Índios da América do Norte. Surgem, assim, figuras idealizadas com características positivas e alegorizadas. Para este mito do Bom Selvagem contribuem as descrições de Índios brasileiros feitas pelo frade franciscano André Thevet, o capelão católico de Catarina de Médicis e cosmógrafo de Carlos IX que também foi para o Brasil com Villegagnon, no seu relato sobre o Brasil intitulado *Singularités de la France Antarctique*, publicado em 1556. Neste relato, a vida quotidiana dos selvagens adquire dignidade e o Índio nu – apesar de eventualmente canibal – parece dar lições de moral aos Brancos.

O Índio Americano que então se vê nas imagens, ilustrações, frescos e frisos, com saias e coroas de penas e mutilações rituais, tendo no corpo, em vez de vestuário, pinturas intensamente coloridas e pedras decorativas inseridas nas faces – e especialmente os guerreiros Tupi em todo o brilho dos seus adornos e enfeites para lhes dar um aspecto mais valente e feroz para as batalhas – pouco ou nada tem de brutal ou de selvagem e parece impregnado de cultura clássica. Entre outros, Jean De Léry relata como os nativos pintavam completamente as coxas e as pernas com o sumo de um certo fruto chamado "genipapo". Há uma abstracção progressiva em relação ao plano real e as figuras idealizadas surgem com grande força. Este aspecto é evidente na iconografia de *Les Grands Voyages* de Theodore De Bry, uma série de antologias ilustradas de textos sobre o Novo Mundo, que se tornou num dos mais importantes componentes do cânone protestante, sobretudo na *Americae Tertia Pars*, em que podemos ver as figuras apolíneas ou dionisíacas dos selvagens, vivendo na sua liberdade primitiva, representados de acordo com os cânones da beleza clássica.

Nesta linha de pensamento, o retrato do Bom Selvagem, apresentado por Jean De Léry, contribuiu também para a propaganda dos protestantes e o mito transformou-se numa espécie de bandeira e de máquina de guerra ideológica contra os inimigos da Espanha.

A obra de Jean De Léry, intitulada *Histoire d'un Voyage Fait en la Terre du Brésil; Autrement Dite Amérique*, destaca-se entre o referido *corpus* escrito sobre a América pelos Huguenotes e decidi, por isso, focá-la com mais pormenor. Trata-se, na verdade, de uma obra prima que contém testemunhos oculares acerca da vida no continente americano no início do período colonial e uma descrição impressionante dos Índios Tupinamba do Brasil constituindo um instrumento de investigação praticamente indispensável na área da antropologia. Devido às suas características poderia integrar-se no ciclo das "narrativas de



**Bartolomé de Las Casas, *Narratio regionum Indicarum per Hispanos quosdam devastatarum verissima*, Théodore de Bry, 1598.**

cativeiro", as *captivity narratives*, tão estudadas pelos americanistas em relação aos textos norte-americanos. É de referir igualmente que Lévi-Strauss, na sua obra *Tristes Tropiques*, se refere em termos elogiosos ao relato de Jean De Léry que é por ele considerado como "um breviário do antropólogo".

Tal como pode ler-se no subtítulo da obra, ela contém referências à navegação e "às notáveis coisas vistas no mar pelo autor" assim como ao comportamento de Villegagnon no Brasil. Descreve também os costumes e estranhos modos de vida do selvagem americano e de vários animais, árvores, plantas e outras "coisas singulares completamente desconhecidas" até então.

*Histoire d'un Voyage Fait en Terre du Brésil* foi publicado em 1578 durante os episódios sangrentos das guerras religiosas que ocorreram entre 1555 e 1589 em França. A obra gozou de grande popularidade durante a vida de Léry (1534-1613) tendo sido publicadas cinco edições com vastos aditamentos, especialmente na secção sobre canibalismo e – tal como provaram alguns investigadores, como Frank Lestringant – o próprio Montaigne, embora nunca mencione Léry, tinha decerto lido o texto. A obra foi escrita dezoito anos depois de o seu autor, um pastor francês huguenote treinado em Génève, ter feito a fascinante travessia do Atlântico como membro da primeira missão protestante ao Brasil em 1556.

Não se trata de um manual de evangelização. O seu conteúdo, constituído por um misto de informação etnográfica e de história natural, revela toda a fascinação sentida pelo autor em relação aos Ameríndios. Por outro lado, como já foi referido, pode considerar-se que constitui um manual anti-colonialista em relação aos Católicos e que condena abertamente a crueldade dos Espanhóis no Novo Mundo embora não deixando de censurar igualmente a tirania de Villegagnon no Brasil. A este propósito, o autor fala de "le regret d'être parmi les sauvages" nas circunstâncias que refere. Para ele, os Índios americanos

são vítimas do Catolicismo triunfante e, conseqüentemente, Léry defende sem rodeios a alteridade ameaçada.

A obra começa como um romance picaresco e relata o facto de o livro se ter perdido duas vezes durante as guerras de religião. O jovem Léry adapta-se à vida semi-nómada dos Índios partilhando dos seus repastos (havendo mesmo cenas de canibalismo) e das suas festas. Relata com entusiasmo o facto de os Salmos serem cantados à sombra de uma floresta povoada de pássaros tropicais numa comunhão festiva e efémera.

Ao traçar um retrato complexo e ao fazer uma descrição etnográfica dos Tupinamba vistos pelos olhos de um Calvinista, Léry pretendia, como ele próprio afirma no prefácio da obra (que é escrito em tinta obtida a partir do "pau do Brasil"), desmentir as calúnias e as mentiras descaradas de André de Thévet, além de contribuir, como já disse, para o mito do "bom selvagem". No seu relato de viagem, Léry faz referências a dois acontecimentos que se podem considerar como os grandes eixos da experiência europeia naquela época: a Reforma Protestante e o Descobrimento da América.

Na sua obra, relata como catorze missionários protestantes partiram de Dieppe, em 1555, com destino a uma colónia francesa chamada La France Antarctique e desembarcaram na Baía de Guanabara, mais tarde denominada Rio de Janeiro pelos Portugueses devido ao facto de a terem avistado no primeiro dia desse mês. Os missionários calvinistas iam, tal como o autor nos diz na sua dedicatória, "com o objectivo expresso de estabelecer o puro serviço de Deus" e de "tornar conhecido o Evangelho" a pedido de Nicholas Durand de Villegagnon. Este tinha-se convertido ao Calvinismo e pretendia estabelecer uma colónia francesa no Brasil com o propósito de permitir à França participar na recolha das riquezas do Novo Mundo. Defendia também a ideia de que, tal como se lê numa carta que escreveu ao Almirante Gaspard de Coligny, o responsável pelo movimento protestante em França, e noutra dirigida a Calvino, com

quem tinha estudado na Sorbonne, esta colônia pudesse vir a servir como um refúgio para os Protestantes, um asilo para os Huguenotes que dele poderiam vir a necessitar devido ao equilíbrio instável entre os Protestantes e os Católicos em França.

O sonho de Villegagnon, que levou a que chegasse a ser designado como "le roi d'Amérique", acabou quando Portugal, não podendo tolerar a existência de um enclave francês no seu território, contra ele enviou uma força militar chefiada por Mem de Sá, o segundo Governador do Brasil, que, após algumas violentas batalhas, conseguiu que La France Antarctique caísse em 1560 e ficasse nas mãos dos Portugueses, cujas necessidades e desejos de um maior domínio territorial veio assim a satisfazer. Com a vitória de Mem de Sá sobre os Franceses deixaram de se sentir também as influências das guerras religiosas europeias na colonização do Brasil e, talvez por isso, a obra de Jean De Léry acabou por cair no esquecimento praticamente até aos nossos dias.